

As facetas do sufixo -ão: uma História das ideias linguísticas sobre o processo de formação de palavras

*The facets of the suffix -ao: a History of language
ideas on the words formation process*

Andréia Melo* e Gleice Alcântara**

Resumo: Este trabalho inscreve-se numa perspectiva materialista da linguagem, e tem como objetivo compreender como se dá a ler em gramáticas brasileiras do século XX e XXI dos autores Said Ali (1921), Rocha Lima (1985), Bechara (1986, 2005) o processo de formação de palavras por derivação sufixal em -ão. O interesse pela questão se deu pelo fato de vermos circular em ritmo alucinante, principalmente no espaço enunciativo da política, palavras novas que são formadas pelo processo de sufixação -ão, entre elas “petrolão”, “mensalão”, “metrolão” e outras. Acreditamos que o processo de criação de palavras, no campo político, instaura um conflito sobre o imaginário de língua portuguesa, instrumentalizada em gramáticas normativas brasileiras. Destarte, torna-se importante um trabalho que considere a história como elemento chave no processo de formação de palavras, mais especificamente a derivação sufixal em -ão, com intento de observar seu funcionamento em instrumentos que cumprem o papel de descrever a língua e organizá-la dentro de uma política linguística. Para nossa reflexão, mobilizaremos os pressupostos teórico-

* Doutoranda PPEL- MeEL UFMT, andreia.melo7@hotmail.com

** Doutoranda PPGL- UFSCar, gmoaesalcantara@gmail.com

metodológicos da semântica da enunciação, proposta por Guimarães (2002, 2004), a Análise do Discurso de linha francesa, a partir de Orlandi (1989, 1998, 2001), especificamente no que tange aos estudos realizados pelo grupo de pesquisa em História das Ideias Linguísticas (HILs) UNICAMP, a partir das discussões empreendidas por Auroux (2014) sobre gramatização.

Palavras-chave: Sufixo. Espaço de enunciação. Político. Gramatização.

Abstract: *This work is inscribed in a materialistic perspective of language, and aims to understand how it is possible to read in the twentieth and twenty-first Brazilian grammars of the authors Said Ali (1921), Rocha Lima (1985), Bechara (1986, 2005) Process of word formation by suffixal derivation in -o. The interest in the matter was due to the fact that we see the new words that are formed by the process of suffixation, such as 'petrolão', 'mensalão', 'metrolão' and others, circulate in a hallucinating rhythm, especially in the enunciative space of politics. We believe that the process of word creation, in the political field, establishes a conflict over the imaginary of Portuguese language, instrumented in Brazilian normative grammars. Therefore, a work that considers history as a key element in the process of word formation, more specifically the suffixal derivation in -ao, is important to observe its functioning in instruments that play the role of describing the language and organizing it, Within a linguistic policy. For our reflection, we will mobilize the theoretical and methodological assumptions of the enunciation semantics, proposed by Guimarães (2002, 2004), the Discourse Analysis of the French line, from Orlandi (1989, 1998, 2001), specifically with regard to studies Carried out by the research group on History of Language Ideas (HILs) UNICAMP, based on the discussions undertaken by Auroux (2014) on grammar.*

Keywords: *Suffix. Enunciation space. Political. Grammar.*

O sufixo e suas inquietudes

É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia. Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas, reflectem-se perfeitamente em alguns dos sufixos.
(RIO-TORTO, 1997)

É comum vermos, nos principais jornais e revistas de circulação nacional e internacional, manchetes sobre os fatos corridos na política brasileira – palco

de inúmeros conflitos de diversas ordens, inclusive da língua. A inserção da mídia e seus vários suportes midiáticos (rede sociais, jornal online, jornal impresso, radiofonia, televisão) modificaram e atualizaram, por meio dos seus instrumentos tecnológicos, a forma de como conceber a língua(gem). Maingueneau (2013, p. 81-82, grifo nosso) alerta para essa questão,

(...) é necessário reservar um lugar importante ao modo de ‘manifestação material’ dos discursos, ao suporte, bem como ao seu ‘modo de difusão’: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador etc. Essa dimensão de comunicação verbal foi durante muito tempo relegada (...)

(...) Eles revolucionaram efetivamente a natureza dos textos e seu modo de consumo. Seu surgimento provocou uma ruptura com a civilização do livro, que trazia em si toda uma toda uma concepção de sentido. **Revolução que teve também como efeito uma melhor conscientização da especificidade do oral e das modificações anteriormente introduzidas pela escrita e pela imprensa.**

A isso, podemos afirmar que o analista do discurso não pode relegar o fato das modificações das condições “materiais” da comunicação transformarem radicalmente o “conteúdo” e a maneira como deve ser lido e, também, a forma como deve ser posto em circulação.

Souza (2001, p. 125) afirma à luz de Guimarães (1995, 2002) e Auroux (2014) que embora a filologia fosse o espaço teórico em que as questões das leis semânticas de mudanças linguísticas foram definitivas para implementação de uma semântica brasileira, os estudos se davam no interior de gramáticas escolares do final do século XIX por serem elas lugar de prestígio e legitimidade do saber linguístico. E apesar dos estudos da semântica entrar no cenário, ainda assim, “as proposições eram em torno das leis de mudança semântica, no âmbito das quais a significação adquire um estatuto de legitimação científica, até então só admitido para a dimensão fonética da linguagem”.

Com efeito, a ausência de estudos acadêmicos instituídos leva a análise em direção à gramática ao lugar de prestígio e de legitimidade que impulsionava, no Brasil recém-independente de Portugal, o processo de construção de um saber metalinguístico subsidiário da constituição do português falado no Brasil como língua nacional.

Observamos que tal reflexão feita pelos autores torna-se relevante no espaço de enunciação midiático, uma vez que na sociedade contemporânea os suportes midiáticos produzem textos multimodais que deixam em evidência não apenas destacamentos gráficos, pontuações, mas e principalmente, como podemos observar para a criação de novas palavras que brincam no interior delas mesmas, desafiando o lugar legitimado dos instrumentos linguísticos, as gramáticas e os dicionários, e nesse movimento instaurando sentidos que jogam com a dispersão.

A evidência do sentido – a que faz com que uma palavra designe uma coisa – apaga o seu caráter material, isto é, faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam como um dominante. As palavras recebem seus sentidos das formações discursivas em suas relações. Este é o efeito da determinação do interdiscurso (da memória) (ORLANDI, 2012, p. 46).

Partindo do pressuposto de que a palavra recebe sentidos da formação discursiva da qual advém e da relação com o interdiscurso, o espaço enunciativo da política brasileira nos chamou a atenção por ser ele um lugar em que a criação de palavras novas formadas pelo processo de sufixação-ão, entre elas “petrolão”, “mensalão”, “metrolão” nos bombardeia diariamente e passa a figurar em diferentes cenas de enunciação.

Ao problematizar o fenômeno, *a priori*, nossa entrada seria pelas próprias palavras enquanto neologismos, e desta forma analisaríamos o funcionamento delas em circulação. No entanto, demo-nos conta de que as condições de produção dos enunciados e seu espaço de enunciação nos levaram a refletir sobre os instrumentos linguísticos, a saber, os dicionários e as gramáticas. Nosso empreendimento passa a ser: selecionar e compreender a constituição do domínio gramatical sobre o processo de formação de palavras por derivação sufixal em -ão. Posto isso, tomamos como material de análise três Gramáticas da Língua Portuguesa (LP), Gramática Secundária de Língua Portuguesa (Said Ali, 1964), Gramática Normativa da Língua Portuguesa (Rocha Lima, 1985) e Moderna Gramática Portuguesa (Evanildo Bechara, 1986, 2005).

Ressaltamos que para compreendermos o funcionamento discursivo das palavras em análise - formadas por derivação sufixal em -ão – faz-se mister

um percurso diacrônico, para perscrutar como os instrumentos linguísticos foram e estão operando com esse sufixo que mostra-se polivalente, isto é, com uma carga polissêmica dada as transformações fonéticas sofridas no português arcaico, como asseverado por Santos (2010) em estudo realizado no qual propôs uma genealogia do sufixo -ão e os significados adquiridos por ele ao longo dos séculos X a XIX. Movimentos e transformações morfo-fonológicas do afixo que se refletem no funcionamento semântico atual engendrando uma verdadeira evaporação de significados.

Ainda na esteira de Santos (2010) com base em trabalhos de Rio-Torto sobre os sufixos avaliativos e em operações derivacionais que envolvem os sufixos -ão em Português é primordial quando se tem a língua como objeto de reflexão, tomá-la em sua relação com ela mesma e com as condições de produção em que ela se inscreve, logo as palavras formadas a partir desse sufixo, que se proliferam no espaço enunciativo político brasileiro, configuram significados que são dados tanto pela dimensão sistêmica(estrutura interna da língua) quanto pela dimensão enunciativa-pragmática (em seu funcionamento pragmático). Nesse sentido, é imprescindível levar em consideração o percurso histórico como elemento fundamental para constituição dos significados dos sufixos, pois ao empregá-los nos inscrevemos num construto teórico de uma língua que pode ser flagrado por meio de tecnologias, gramática e dicionário, que ajudam a contar a história dessa língua e dos falantes que dela partilham,

A gramática não é uma simples descrição da linguagem natural; é preciso concebê-la também como um *instrumento linguístico*: do mesmo modo que um martelo prolonga o gesto da mão, transformando-o, uma gramática prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram juntas na competência de um mesmo falante (AUROUX, 2014, p.70).

Um pouco de teoria

Tomando como base teórica os estudos realizados pelo grupo de pesquisa História das ideias linguísticas (HILs), do Instituto de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas IEL-UNICAMP, que tem como idealizadora no Brasil a pesquisadora Eni Orlandi (1989) buscamos

compreender, a partir de um estudo histórico breve, como se dá a ler em três gramáticas brasileiras o processo de formação de palavras por derivação sufixal em –ão. Neste caminho tomamos como ponte para nossa discussão, bem como para construção de nossa metodologia o trabalho intitulado “Um linguista na terra da gramática” de Baldini (2005), leitura que nos auxiliou na interpretação dos arquivos aqui selecionados:

[...] O que se coloca aqui como algo que deva ser explicitado a todo momento, é o fato de que o analista se assume num lugar contraditório, já que “somos colocados na posição ambígua de falar da história do conhecimento sobre a linguagem sendo parte dessa história (BALDINI, 2005, p. 60).

À HILs, interessa, *a produção de conhecimento sobre a língua como produção de instrumentos linguísticos (tecnologias que representam a língua para seus falantes, em seu conjunto)*, por isso tomamos algumas obras¹, gramáticas, do início do século XX, como de Rocha Lima (1985), Said Ali (1964) e Bechara (1986) como objeto de reflexão, tendo em vista o processo de gramatização como fator principal de mudança profunda na ecologia da comunicação humana que deu ao Ocidente um meio de conhecimento/dominação sobre culturas do planeta, pois segundo Auroux (1992, p. 9), “trata-se propriamente de uma revolução tecnológica que não hesito de considerar tão importante para a história da humanidade quanto a revolução agrária do Neolítico ou a Revolução Industrial do século XIX”.

Assumimos ainda nesta empreitada, o discurso, na perspectiva da Análise do Discurso francesa, como lugar sujeito ao equívoco, de releituras, divisões, a diferentes filiações teóricas, em suma dando lugar à crítica em relação às teorias, e principalmente pensando o conhecimento como discurso (ORLANDI, 2001), assim, “podemos nos situar no ponto em que o sujeito desse conhecimento pode ser observado nesse seu horizonte de retrospecto e de projeção”. Por isso, tomamos como reflexão a instrumentalização metalinguística sobre o processo de formação de palavras por derivação sufixal em –ão, pensando esse conhecimento numa relação dialética construído como produto que participa de um movimento que reflete simultaneamente

¹ Consideremos, nesta linha de análise, que a história das ideias envolve de um lado três tipos de elementos: as instituições, os acontecimentos nas obras que formulam este conhecimento, ou dito de outro modo, que resultam do conhecimento produzido (GUIMARÃES, 2004, p. 11).

universalização e deslocamentos. É nesse sentido que entendemos o fazer gramatical como um processo histórico que participa desse duplo movimento, universalização e deslocamentos, em que a história/ identidade de um povo pode ser flagrada por meio dos conhecimentos que são gestados por esses instrumentos linguísticos.

Segundo Orlandi (2001, p. 11) para que o analista possa compreender esse processo ele tem de tomar uma posição em face da história das ciências. A história aqui não pode ser compreendida com algo factual, a-histórico, mas sim como um discurso documental uma memória institucionalizada, no nosso caso uma institucionalização pela via da gramatização que reverbera, ainda, no ensino de língua portuguesa na escola.

A escolha do corpus se deu em virtude de seu acontecimento que faz diferença em sua própria ordem:

‘O que faz diferença’, pode aqui ser entendido como ‘o que produz diferença’ ao ocorrer. Nesta medida a questão da história é encontrar o modo de impacto do *presente sobre a temporalidade humana*. O acontecimento é o que produz, numa ordem específica, uma temporalidade própria. *Constitui um presente, um passado e um futuro*. Ou seja, o acontecimento não se dá no tempo, ele constitui uma temporalidade pela qual ele significa (GUIMARÃES, 2004, p. 12) (grifo nosso).

Tal como Guimarães, compreendemos uma história das ideias linguísticas a partir de uma reflexão que possa acompanhar como certos conceitos, certas noções, certas categorias se constituíram e como ao permanecerem mudaram, ou ganharam contornos específicos. Ou seja, em que momento encontramos acontecimentos pelos quais um conceito se constitui, permanece ou se torna outro.

Dizeres que nos levam às seguintes perguntas: 1. Como funciona o processo de formação de palavras circunscrito em um saber metalinguístico nas gramáticas normativas no início do século XX? E sob quais saberes linguísticos estão inscritos? e ainda, 2. Como as novas palavras, neologismos, criadas no espaço enunciativo da política estão circunscritas em uma prática metalinguística?

Nossa hipótese para primeira questão é de que, mesmo, pós-saussure, as gramáticas produzidas, em temporalidades diferentes, estão inscritas em uma instrumentalização que leva em consideração os estudos históricos da linguagem, comparatismo, predominante no século XIX, o objeto língua tomado como objeto histórico (atomizado), produto da história (ORLANDI, 2001, p. 14); ou seja, a formação da palavra como derivativa do português de Portugal.

Para a segunda formulação, nossa hipótese é de que às novas palavras, seguem uma estruturação das primeiras derivações, comparatista, porém inscrevem-se, nelas e por elas mesmas uma nova constituição semântica, já que produz uma nova forma de derivação pelo processo de sufixação em -ão . Dessa forma, podemos hipoteticamente dizer que o espaço de enunciação, a política, instala uma nova configuração, já que os falantes da língua passam a ter “autonomia” na produção de um novo saber linguístico, que se constitui por meio de neologismo.

Descrevendo e interpretando o corpus

Excerto 1 - SAID, Ali (1964, p. 151 a 152).

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

DERIVAÇÃO – derivação sufixal

Derivação é o processo pelo qual de umas palavras se formam outras, ajuntando-lhes certos elementos formativos que alteram a acepção primitiva, ou lhe acrescentam sentido novo.

As palavras assim formadas chamam-se derivadas; aquelas de onde estas procedem chamam-se derivantes ou primitivas.

Os elementos formativos que põem no fim do vocábulo derivante (geralmente com a supressão ou alteração previa da desinência) chamam-se sufixos, e o processo de formação toma o nome particular de derivação sufixal.

Os elementos formativos que se colocam antes da palavra derivante, chamam-se prefixos; é o processo de derivação prefixa~.

Observação. – esta divisão sufixal e prefixal está de acordo com a maneira de ver de modernos linguistas, como Meyer-Lubke, Nyrop e outros. Não há, com efeito, boa razão para supor que os prefixos não possam fazer parte da derivação. Veja-se a este respeito nossa Grammatica Histórica, onde mais desenvolvidamente tratamos do assunto.

(...)

Dividiremos os sufixos em duas classes:

1ª os que servem ou originariamente serviram para formar nomes aumentativos ou diminutivos;

2ª os que formam vocábulos novos e denotam outros conceitos diferentes.

Os derivados da primeira classe são substantivos e adjetivos. A noção de aumento, como já vimos, em outra parte da Gramática, pode transformar-se em noção pejorativa. Em outros casos, o vocábulo com a terminação aumentativa pode adquirir sentido especializado, designando somente certos objetos sem que este seja notável pela sua grandeza.

Levadas em conto estas restrições, mencionaremos com principais, os seguintes Suffixos aumentativos

-ão: Ocorre frequentemente ampliando em – eirão, - arrão, - alhão, -zarrão, etc.: casarão, grandalhão, chapeirão, vagalhão, homenzarrão, toleirão, santarrão, etc.

- aço, - aça, uça: mestraço, ricaço, baracaça, dentuça, doutoraço, mulherça.

-astro: sentido pejorativo: poetastro, medicastro.

- arra: naviarra

-alha: fornalha

-az: ladravaz, liguaraz, fatacaz

-anzil: corpanzil

-asio – copasio.

Excerto 2 - ROCHA, Lima (1985, p. 173 - 186)

Derivação e composição

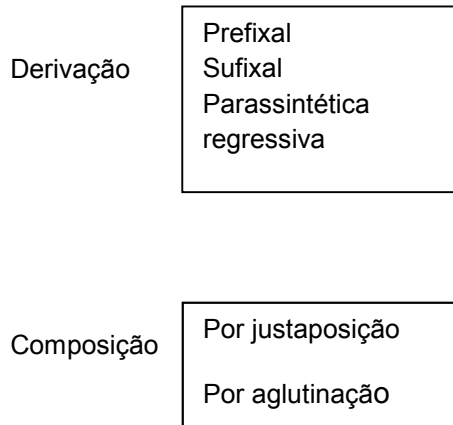
Derivação é o processo pelo qual de uma palavra se formam outras, por meio da agregação de certos elementos que lhe alteram o sentido – referido sempre, contudo, à significação da palavra primitiva.

Tais elementos se chamam prefixos ou sufixos, segundo se coloquem antes ou depois palavra derivante.

Composição é o processo pelo qual se cria uma palavra pela reunião de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria, de tal sorte que o conjunto deles passa formar um todo com significação nova.

Adotamos este último critério.

De acordo com ele. Assim se pode organizar o quadro geral dos tipos de formação de palavras:



DERIVAÇÃO SUFIXAL

Ao contrário dos prefixos, que, como vimos, guardam certo sentido, como qual modificam, de maneira mais ou menos clara, o sentido da palavra primitiva, os sufixos, vazios de significação, têm por finalidade formar séries de palavras da mesma classe gramatical.

Assim. Por exemplo, o único papel do sufixo EZ é criar substantivos abstratos, tirados de adjetivos: ativo – altivez; estúpido – estupidez.(...)

Rocha, divide os sufixos em latinos e gregos.

O sufixo – ão – está entre os sufixos gregos, a saber.

ADA (forma substantivos de substantivos)

ANO, ÃO (forma adjetivo de substantivos)

Amaricano, mundano, (...) beirão, comarcão, cristão, vilão.

ÃO (ampliado em alhação, arrão, eirão, zarrão, figura na formação do aumentativo)

Excerto 3 - BECHARA, Evanildo (1986, p. 176-179)

Derivação: derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos.

Os afixos se dividem, em português, em prefixos (se vêm antes do radical) ou sufixos (se vêm depois). Daí a divisão em derivação prefixal e sufixal.

Derivação sufixal: livraria, livrinho, livresco

Derivação prefixal: reter, deter, conter. (...)

Sufixos: os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação: em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. A

noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: poetastro, mulheraça. Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: mãezinha, maninho. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e os gregos os mais comuns.

Bechara (2005,p. 358) divide os sufixos por categorias de formação, como:

I – Principais sufixos formadores de substantivos

1. Para formação de nomes de agente;
2. Para formação de nomes de ação ou resultados de ação, estado; qualidade
3. Para significar lugar, meio, instrumento
4. Para significar abundância, aglomeração, coleção
5. Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva
6. Para formar nomes de naturalidade
7. Para formar nomes que indicam maneira de pensar. Doutrina que alguém segue; seitas, ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva
8. Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências.

II – Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos:

1. Aumentativos:

- ão, zão: cadeirão, homenzão
 - arro, -arrão, zarão: naviarra, bebarro, santarão, coparrão, homenzarrão
 - aço. Aça: ricaço, barcaça, copaço
 - astro – poetastro, policastro
- (...)

Excerto 4 - BECHARA, Evanildo (2005, p.351 – 364)

Bechara, em “Moderna Gramática Portuguesa” apresenta na abertura do tema Formação de palavras os seguintes dizeres, renovando-se em relação às edições anteriores.

2. Formação de palavras

Do ponto de vista constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras- as múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessa necessidade renovadora chamam-se

neologismos, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os arcaísmos, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. *De tudo isso trataremos no lugar próprio. (grifo nosso)*

Os neologismos e criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua. Entre os procedimentos formais temos, assim, a composição e a derivação (prefixal e sufixal).

Outra fonte de revitalização lexical são os empréstimos e calcos linguísticos, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro de língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim -, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como macadame, gilete, etc. Muitos próximos a esta visão são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: Kodak, pipilar, etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras (BECHARA, 2005, p. 351).

Nesta nova revisão Bechara (2005, p. 355) define o que venha ser a formação de palavras de forma conceitual.

Processos de formação de palavras - Dois são os processos de formação e palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição matéria.

- a) Composição
- b) Derivação

Para nossa reflexão atendamos aos processos de derivação por:

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos tipos português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: áureo (e não Ouro), capilar (e não cabelo), aurícula (e não orelha), etc. [MBA.1, 429-430]

Os afixos dividem, em português, em prefixos (se vêm antes do radical) e sufixos (se vêm depois). Daí a divisão de derivação prefixal e sufixal.

Derivação sufixal: livraria, livrinho, livresco

Derivação prefixal: reter, deter, conter

Observação: [...] os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária. (BECHARA, p. 357)

Baseado nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um processo de composição de palavras.

Sufixos – os sufixos dificilmente aparecem como uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma, ao lado dos valores sistêmicos associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *pestastro*, *mulheraça*. Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem carinho *mãezinha*, *paizinho*, *maninho*. Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a *flor* grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta*, *camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formulações eruditas. (BECHARA, P. 357-358)

Na continuidade de sua apresentação sobre derivação sufixal Bechara (2005, p.358) retoma ao modelo de suas gramáticas anteriores como visto no excerto acima, inclusive no que tange ao processo de sufixação em-ão, porém acrescido dos seguintes dizeres.

II – Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, **muitas vezes tomados pejorativos ou afetivos. (grifo nosso)**

1. Aumentativos:

-ão, zão: cadeirão, homenzão

-arro, -arrão, zarrão, arraz (arro=az):: naviarra, bebarro, santarão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

- aço. Aça: ricaço, barcaça, copaço
- astro – poetastro, policastro

No entanto, Bechara (2005) não acrescenta aos seus estudos, exemplos de derivação sufixal em – ão que possam exercer, em dado espaço de enunciação, o sentido de pejorativo e afetividade. Ele retoma em seus exemplos, como podemos constatar nos estudos da história da língua, já inscrita por seus antecessores, como Said Ali e Rocha Lima e por ele mesmo em obras anteriores como em “Moderna gramática portuguesa: Curso de 1 e 2 graus. 30, ed”. A isso, tomamos o gesto do autor como inscrito em uma memória que tem relação complexa com o saber discursivo sobre a linguagem, que de um lado mostra rupturas importantes na consideração do objeto, como é o caso da criação de palavras levando em consideração “as múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade” – neologismo-.

O autor assevera sobre a importância do fenômeno que é inerente a qualquer língua, mas é enfático na seguinte afirmação “De tudo isso trataremos no lugar próprio”. Que lugar é esse? Esse espaço de enunciação interdita certas enunciações? Vemos neste espaço de funcionamento de língua um sujeito dividido, uma disputa que instaura modos de dizer, dizer que naquele espaço sujeitos e sentidos encontram-se divididos; e ainda na abertura para um novo saber sobre o sentido no que concerne a derivação sufixal do aumentativo (muitas vezes tomados como pejorativos ou afetivamente) e até mesmo a nova forma de apresentar a gramática como *revista e ampliada*. Por outro, seu trabalho se inscreve a outros saberes sobre a língua, em especial sobre o sufixo – ão, e é desse lugar, do nosso ponto de vista, que Bechara se institucionaliza e instrumentaliza o saber linguístico, o da história da língua, filiado ainda aos comparatistas, e aos estruturalistas do início do século XX, Saussure, Hjelmslev, etc., que tomam a língua como estrutura “entidade autônoma de dependência interna”, como se vê nos exemplos repetidos.

É importante salientar que nossa escolha pela gramática de Bechara (1986, 2005) se deu em razão dele ser considerado um dos gramáticos mais conhecidos e instrumentalizados na escola.

Notamos no espaço de enunciação da língua, no qual o funcionamento do acontecimento se instaura que os sujeitos falantes Said Ali, Rocha Lima e Evanildo Bechara se constituem enquanto falantes agenciados politicamente construindo um saber sobre a língua que se dá pela tradição, o passado se atualizando no presente da enunciação e ao mesmo tempo já dão abertura para a projeção do funcionamento do próprio acontecimento. Ou seja, quando Said Ali e Bechara pontuam a derivação sufixal em -ão com valores outros além do aumentativo, trazem às suas enunciações a polissemia engendrada pelo sufixo dada as condições em que se apresentam. Há, assim, a temporalização do acontecimento, principalmente em Bechara (2005), quando acrescenta as seguintes considerações sobre o sufixo “sufixos dificilmente aparecem como uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas”.

É trazida na enunciação desse estudioso a possibilidade de pensar o processo de derivação sufixal como algo que adquire diferentes valores semânticos, conforme a situação, neste sentido, conceber o sufixo -ão apenas com uma única função, aumentativo, pelo viés de inúmeras gramáticas tradicionais é não levar em consideração a história dos sufixos, em particular o sufixo -ão, que mostra-se cercada de transformações que advém desde a origem desse sufixo em português, e mais do que isso, ao negligenciar essas possibilidades linguísticas e enunciativa-pragmáticas do referido sufixo é cair na armadilha de tomar a língua como transparente e evidente.

Embora haja na enunciação de Bechara, uma abertura para pensar o léxico como algo que se renova incessantemente, inerente a quaisquer línguas, dada as situações contextuais/condições de produção e a própria estrutura interna da língua, fazendo menção aos neologismos, é possível observar no espaço de enunciação que os sujeitos falantes são divididos entre os modos de dizer (o agenciamento) e os direitos de dizer. Uma orientação argumentativa que ainda prima pelos postulados comparatistas e estruturalistas, em que o saber linguístico que mais salta aos olhos é o da pureza e homogeneidade da língua.

Isso posto, é possível apreender pelas cenas enunciativas dadas que os locutores gramáticos falam do lugar institucional que agencia os direitos e os modos de dizer, e suas enunciações são construídas na e pela contradição/político, decorrente da própria temporalidade do acontecimento.

Queremos, pois, ressaltar a importância de olhar para os instrumentos linguísticos, gramática e dicionário, como lugares em que os sentidos sobre a língua e sujeitos são construídos e, acima de tudo, ‘enxergar’ nestes instrumentos a opacidade da língua. E, dessa forma, como ela se constitui entre o ir e vir histórico, entre continuidades e rupturas de conhecimentos produzidos sobre a língua e o mundo.

Referências Bibliográficas

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: Eni Orlandi- 3ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ªed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Lucerna, 2005.

_____. **Gramática escolar da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Lucerna, 2004.

_____. **Moderna gramática portuguesa**: Curso de 1 e 2 graus. 30ª ed. São Paulo, SP: Companhia Nacional, 1986.

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação e História. In: **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas, SP: Pontes. 1995.

_____. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. **História da semântica** - sujeito, sentido e gramática no Brasil. Campinas, SP: Pontes, 2004.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 26ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora José Olímpio, 1985.

NUNES, José Horta. **Definição lexicográfica e discurso.** In.: **Línguas: instrumentos linguísticos.** Revista n. 11. Campinas, SP: Pontes, 2003, p. 9-30.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** 6ªed. São Paulo, SP: Cortez, 2013.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 10ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. **História das Ideias Linguísticas:** construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat, 2001.

SOUZA, Pedro. Às margens da gramática, a emergência da semântica no Brasil. In: **História das ideias linguísticas:** construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat, 2001, p. 125- 153.

RIO-TORTO. G. **Sistémica e pragmática dos sufixos avaliativos.** **Revista Portuguesa de Filologia.** Volume XXI, 1997, p. 203-228. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bits>. Acesso em 06/02/2015.

SAID, Ali. **Grammatica secundaria da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, RJ: Ed. UnB, 1964.

SANTOS, A. P. **A polissemia dos sufixos aumentativos -ão, -arro, -orro, -aço e -uço e seus traços avaliativos sob a perspectiva diacrônica.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/>. Acesso em 08/02/2015.